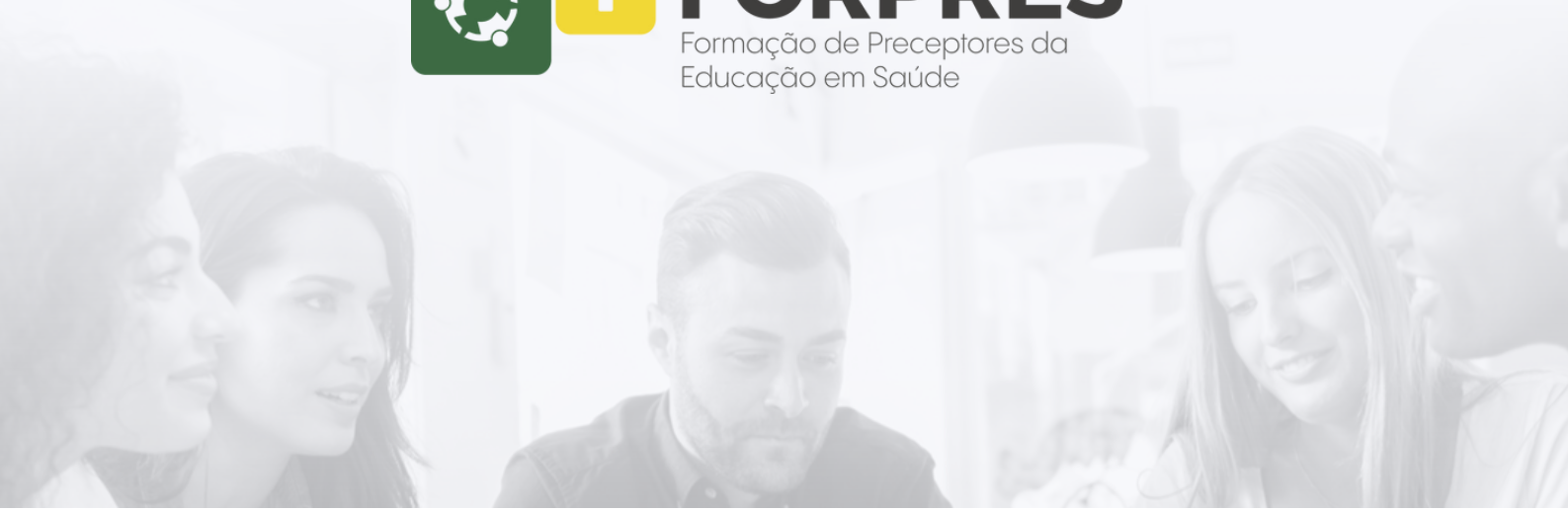
Módulo 1: O Eu Preceptor no Contexto da Educação em Saúde

DESAFIOS ÉTICOS PARA O EXERCÍCIO DA PRECEPTORIA

UNIDADE 2

FORPRES
Formação de Preceptores da Educação em Saúde



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO
UFMA VIRTUAL
UFMA Universidade Federal do Maranhão
dted DIRETORIA DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

CRÉDITOS

Coordenação Geral do Curso
Profa. Dra. Christiana Salgado (DTED/UFMA)

Supervisão Pedagógica e de Orientação Educacional
Profa. Dra. Patrícia Maria Abreu Machado (DTED/UFMA)
Profa. Dra. Christiana Salgado (DTED/UFMA)
Prof. Dr. Sérgio Santos

Professor Autor
Sérgio Henrique de Oliveira Botti

Validação Técnica
Ana Célia Sousa dos Santos

Coordenação de Produção
Profa. Dra. Christiana Salgado (DTED/UFMA)
Camila Pontes (DTED/UFMA)
Adirce Senna (MEC)

Supervisão de Produção e Monitoramento Discente
Alessandra Viana Natividade Oliveira (DTED/UFMA)

Supervisão de Oferta e Marketing Educacional
Prof. Dr. Rodolfo Viana (DTED/UFMA)

Design Instrucional
Steffi Greyce de Castro Lima (DTED/UFMA)
Profa. Dra. Christiana Salgado (DTED/UFMA)

Design Gráfico
Vital Amorim (DTED/UFMA)
Sabrina da Silva Carneiro (DTED/UFMA)

Equipe de Tecnologia da Informação
Anilton Maia (DTED/UFMA)
Jone dos Santos Sodré Correia (DTED/UFMA)

Supervisão EAD
Thaísa Dias (DTED/UFMA)

Comunicação
Sanndila Brito (DTED/UFMA)
Deise Elen Alves de Paula Carvalho (DDES/MEC)

Administradores AVA
Gregory Kevin Martins Bastos de Souza (DTED/UFMA)
Fábio José de Castro e Lima (DTED/UFMA)

COMO CITAR ESTE MATERIAL

BOTTI, Sérgio Henrique de Oliveira. Desafios éticos para o exercício da preceptoria. In: Diretoria de Desenvolvimento da Educação em Saúde - DDES. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. DIRETORIA DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Curso de Formação de Preceptores da Educação em Saúde - FORPRES. **O Eu preceptor no contexto da educação em saúde**. São Luís: DDES/MEC ; DTED/ UFMA; 2022.

FORPRES
Formação de Preceptores da Educação em Saúde

APRESENTAÇÃO

Olá, aluno!

Esta unidade aborda a formação ética como parte integrante da educação profissional em saúde, a partir da literatura científica atual. Aponta as diferenças e características entre o ensino tradicional e as formas atuais de educação moral, analisando as implicações da polissemia na construção do conceito da ética profissional. Ademais, contextualiza o uso do conceito de bioética nos tempos atuais, apontando sua utilização através de relatos de acontecimentos práticos na vida profissional em saúde.

Aproveite o conteúdo e bons estudos!

FORPRES
Formação de Preceptores da Educação em Saúde

SUMÁRIO

Tópicos Abordados

01 A formação ética como parte integrante da educação profissional p 04

02 O método clínico como instrumento de exercício prático da ética profissional p 09

03 A prática de ensinagem e a construção do conceito de profissionalização p 14

04 A formação moral na prática profissional p 17

Síntese da unidade p 22

Referências p 23

1- A formação ética como parte integrante da educação profissional

Helena (H), Márcio (M) e Joana (J) são preceptores em uma unidade de saúde, na qual receberam os estudantes Pedro e Andrea. Neste momento, os preceptores estão em sua sala conversando sobre um curso de formação de preceptores do qual ouviram falar:

Márcio: *Nossa, nós recebemos Pedro e Andrea e nem sabemos, ao certo, o que é ser preceptor. O que um preceptor faz? Como agir?*





Helena: *Fiquei com essa mesma preocupação, Márcio. E, agora, mais outra: um curso de formação de preceptor. O que será que querem nos ensinar lá?*

Joana: *Também estou confusa e preocupada. Ouvi dizer que tem até um módulo sobre os desafios éticos que podemos enfrentar. Que estranho, não acham? Será que querem nos ensinar novamente o Código de Ética Profissional, como respeitar os outros profissionais? Será que é isso, Helena?*





Não sei bem, ao certo. Porém, lembrei de tudo que discuti num curso de formação de preceptores que fiz há algum tempo. Acho que posso recorrer aos materiais e anotações para poder entender melhor este momento. Com relação aos desafios éticos, Joana, lembro-me muito bem de que deixaram bem claro: a formação ética é tão importante quanto a formação técnica e vai muito além de decorar o código profissional. Nós, que cuidamos da saúde das pessoas, devemos sempre ser capazes de avaliar a nossa prática e como ela repercute nas relações com todos ao nosso redor no ambiente de trabalho, ou seja, com os profissionais, os estudantes e as pessoas que buscam cuidado. Estar atento a esses aspectos, Joana e Márcio, é essencial para o exercício de nossa profissão específica, assim como para ser preceptor, pelo que me lembro do curso. Imagino que seja esse o tema abordado nesse módulo específico de desafios éticos.

Ah, então, as questões éticas perpassam pelo código de ética, mas vão além. Pelo que você falou, Helena, elas cuidam de todos os aspectos das relações ligadas à nossa prática, orientando-a para o bem comum de todos, não apenas de alguns. Muito interessante esse curso, não acham?



A formação dos profissionais em saúde preocupa-se mais com a busca pela excelência técnica e menos com a formação moral e com o desenvolvimento da responsabilidade profissional.



O profissional de saúde, que tem a missão de cuidar da saúde da população, deve fazer uso do juízo crítico para avaliar sua prática e as repercussões dessa prática nas relações com o paciente, com os colegas de todas as profissões e com os meios de trabalho.

E, nesse ponto, é importante considerar o que faz um indivíduo ser capaz de tomar decisões sobre certo e errado, justo e injusto, bem e mal. Importante também é situar o papel do preceptor nesse processo de desenvolvimento da moralidade.

O **código de ética** de uma profissão tem duas grandes funções:

1. A primeira é defender os interesses corporativos, estabelecendo critérios e normas de disputa e convívio profissional. Ele padroniza o comportamento corporativo através de princípios a serem observados

2. Uma segunda função é a de defender os interesses da sociedade através da orientação para a coletividade, impedindo que maus profissionais exerçam a atividade.

Nesse sentido, construímos o **conceito de ética profissional em saúde**: a missão de cuidar da saúde da população, usando juízo crítico, avaliando constantemente sua prática e as repercussões dessa prática nas relações com o paciente, com os colegas de todas as profissões e com os meios de trabalho.



Mas eu já fiz também um curso de ética profissional e ele foi todo orientado por discussão do código de ética e por apresentação de modelos idealizados, com respostas prontas para todas as questões, naquele formato de "o que é melhor fazer nessa situação". Confesso que me empolguei muito com as situações-problema, que pareciam aqueles jogos que mexem com nossa moral. Mas, infelizmente, serviu pouco para minha prática e não mudou minhas atitudes.



Também adoro esses "joguinhos e brincadeiras" que utilizam modelos idealizados, com perguntas como "O que você pensa do aborto?" ou "Quem você escolheria para morrer entre A, B e C?". Mas, realmente, não são parte de uma boa formação de profissionais e não mudam em nada a minha prática. Busco algo que seja sedimento para minhas ações profissionais e me ajudem nessas questões com os estudantes que recebo.



Concordo com vocês dois, Joana e Márcio. O que discutimos, no curso que fiz, foi a ética que abarca todos os aspectos da socialização profissional e que tem, como base, a moralidade dos atos, os dilemas e as relações sociais do nosso dia a dia.

Busca nos mostrar que o mais importante é levantar questões sobre as relações que permeiam nossa prática e não ter respostas prontas, para situações idealizadas, baseadas em um código profissional.

O ensino tradicional da ética, muitas vezes realizado em disciplinas ou cursos isolados, centrado na discussão do código de ética ou na apresentação de modelos idealizados, não é o mais adequado para uma boa formação, pois leva ao pensamento de que a ética é exclusivamente heterônoma, isto é, que devemos seguir um conjunto de normas e princípios pré-estabelecidos (**ética deontológica**).



Além disso, não considera todos os aspectos da socialização profissional, porque discute apenas a moralidade do agente, o que é extemporâneo e não consegue abarcar as necessidades atuais de um bom profissional, nem de um estudante.

O melhor caminho é ter, como base, a moralidade dos atos, frente aos dilemas e às relações sociais contemporâneas, que têm alto grau de complexidade, o que mostra um respeito ao contexto real.

É o que faz a **Bioética**, considerada por Rego (2004) como o campo que questiona o caráter absoluto e fora de contexto dos valores morais tradicionais, dos direitos e dos princípios. Esse questionamento é feito através do diálogo, do respeito às diferenças e de acordos e consensos.

2- O método clínico como instrumento de exercício prático da ética profissional

Nesse momento, Pedro, aproveitando que os preceptores estavam reunidos na sala, entra para discutir um caso:



Pedro: *Gente, atendi um senhor agora e fiquei muito enrolado com a situação. Gostaria muito da ajuda de vocês. Trata-se de um senhor de 62 anos, que faz consultas anuais para checkup aqui na unidade. Ele me disse que não quer que eu peça o exame de colesterol e que sempre deixava claro isso nas consultas. Aí, eu perguntei a ele, por que não queria fazer o exame. E ele me disse que não estava disposto a mudar nada na sua alimentação, nem no estilo de vida e, muito menos, a tomar medicação para controlar a colesterolemia, caso os exames dessem alterados. Então, eu fiz nova pergunta a ele, se tinha algum medo relacionado ao possível uso da medicação para o colesterol.*

Ele me respondeu que tinha medo dos efeitos colaterais, já explicados a ele pela equipe e que tinha refletido muito sobre o assunto. Minha dúvida é: devemos obrigar esse senhor a fazer os exames do colesterol? Como? E, se ele não aceitar fazer os exames de maneira alguma, devemos suspender o controle e as consultas dele aqui? Não podemos acompanhar uma pessoa tão rebelde assim, podemos?



Nossa, Pedro! Vamos por partes. Primeiro, quero muito elogiar sua conduta, trazendo essas questões. Levantar questões durante o atendimento de todas as pessoas é uma das funções do profissional de saúde. Acho que já sei quem é esse senhor, é o Sr. Lucas, certo?



Isso mesmo, professora! Ih, desculpa, a senhora já me pediu para não chamar de professora, mas é o costume. E vocês três me ensinam tanto...



Sem problemas, Pedro. Já estamos nos acostumando... Mas eu quero mesmo é te parabenizar pela principal pergunta que você fez a esse senhor, que devemos fazer sempre, quando surgem informações que não esperávamos. Você, brilhantemente, perguntou "Por quê?", tentando saber os motivos pelos quais ele não queria fazer o exame de colesterol. Esse é o primeiro passo para construirmos uma boa relação com as pessoas que nos procuram: descobrir, perceber os seus motivos.



E, ainda Joana, completando o seu elogio, nesse mesmo caminho de construir uma boa relação, Pedro perguntou ao senhor quais são os medos dele em relação ao exame. Descobrir e perceber os anseios, os medos das pessoas, é um dos nossos objetivos profissionais e devemos usar essas perguntas como ferramentas em nosso cotidiano. Gostei muito! O bom profissional busca perceber e compreender os determinantes pessoais, tanto os próprios, como os determinantes das pessoas que o procuram.



E vocês dois, Márcio e Joana, percebem a realidade prática do que é a discussão ética da qual estávamos falando antes? Bom para Pedro também entender isso, não acham? Ao levantar as questões do atendimento do Sr. Lucas, Pedro começa a trilhar o caminho da ética, cujo primeiro passo é perceber as questões da pessoa.

Muitos profissionais poderiam nem perceber as questões do Sr. Lucas e ficariam presos às suas questões profissionais, achando que assim estariam fazendo o melhor; afinal, a questão do profissional de saúde é solicitar os exames pertinentes àquela situação e esperar que a pessoa os faça, não é mesmo?

Nossa, é mesmo, Helena! Sabe que custei a perceber essa diferença entre a agenda do profissional e a agenda da pessoa que busca atendimento? Devemos estar atentos a isso e, agora, percebi e aprendi que estávamos falando de ética esse tempo todo. Que demais! Como a gente aprende isso sem saber o nome, não é mesmo?





Eu aprendi na faculdade que devo sempre perguntar os motivos que levam a pessoa a algumas decisões e, ainda, a perguntar sobre os temores e medos que possam ter em relação a procedimentos, tratamentos ou momentos e situações. Mas nunca soube que isso é ética.



Mas o mais importante foi ter aprendido o primeiro passo para ser ético, pois estamos vendo, na prática, que agir com ética não significa apenas saber de cor o código profissional. Começamos a traçar ações éticas, quando usamos ferramentas para perceber o outro como ele é, suas questões, seus motivos, seus medos e anseios. Com relação ao Sr. Lucas, eu o conheço há anos. E ele já tinha me contado isso tudo, Pedro. Foi uma falha enorme minha não ter escrito tudo no prontuário. Ao perceber que havia questões genuínas com o exame de colesterol, usando as mesmas ferramentas que você usou, expliquei a ele a situação deste modo: "Sr. Lucas, a ciência me orienta a pedir exames de colesterol para todas as pessoas na sua faixa etária e a tratar aquelas com exames alterados com medicação. Compreendo que o senhor é contrário ao exame e ao medicamento, já conversamos várias vezes sobre isso. Percebi seus motivos e medos, expliquei várias vezes a posição da ciência e vou continuar explicando a cada encontro nosso. Mas, mesmo assim, o senhor aceita continuar se cuidando aqui conosco, desde que respeitemos suas posições, sempre lhe alertando sobre as orientações da ciência?".



Que maravilha, professora! Olha eu aí, chamando vocês de professores novamente! Mas fico emocionado ao ver que você colocou o ônus da escolha nele, respeitando os anseios, medos e questões e mostrando as argumentações da ciência...



E mostrando que a profissão da saúde continua, mesmo quando a ciência não tem como continuar. Ao invés de romper, cortar laços, continuamos a cuidar do Sr. Lucas, respeitando quem ele é, sem perder nenhuma chance de alertá-lo sobre as orientações da ciência a cada encontro, respeitando quem somos e reafirmando que representamos a ciência.



E, assim, conseguimos perseguir o caminho da ética!

O **método clínico** é o caminho percorrido por todo profissional de saúde que busca o profissionalismo ao encontrar uma pessoa que busca cuidado. Há cinco passos igualmente importantes, que devem ser perseguidos pelo profissional. Prescindir de um dos passos é desviar do caminho do profissionalismo.



Etapas do método clínico

1. Entrevista
2. Exame físico: manobras escolhidas pela entrevista
3. Exames complementares: propostos baseados na entrevista e no exame físico
4. Propostas terapêuticas
5. Proposta de acompanhamento

A construção de uma relação entre o profissional e a pessoa cuidada, baseada na caixa de ferramentas da ética, perpassa por todos os cinco passos do método clínico. Propor, ao contrário de impor, exames complementares, terapêutica e acompanhamento significa edificar confiança mútua, partilhar o cuidado com a pessoa, respeitar sua autonomia e caminhar juntos.



Mas é durante a entrevista, primeiro passo do método clínico, determinante de todos os passos seguintes, que os preceitos da ética podem ser aplicados na vida profissional.

A entrevista é a conversa entabulada entre o profissional e a pessoa a ser cuidada, com objetivos determinados. O profissional deve aprender a postura e todas as ferramentas para bem entrevistar, buscando oferecer acolhida à pessoa que busca atenção à saúde. As melhores perguntas a serem feitas são aquelas que propiciam respostas efetivas para o desenrolar do método, sem ferir ou causar atropelos, desconcertos, irritação, desconfiança e desconfortos.

Elas, as melhores perguntas, deveriam ser aprendidas ainda na escola da profissão em saúde e reconstruídas na prática dos estágios e da própria profissão. Quanto mais pessoas encontramos, mais aumentamos o nosso arsenal de boas perguntas para os mais diversos momentos e ficamos mais atentos para as perguntas que não devemos fazer nunca!

Ser um bom entrevistador é um dos principais atributos do profissional que persegue a ética. Nesse caminho, desenvolver objetividade, precisão, respeito, sinceridade, empatia, genuíno interesse e altruísmo permite maior sucesso.

3- A prática de ensinagem e a construção do conceito de profissionalização

Márcio, Helena e Joana continuam a conversar após a saída de Pedro, que foi dar continuidade ao atendimento do Sr. Lucas.

Esse garoto, o Pedro, parece ser muito bom. Será que estamos mesmo ensinando algo a ele? Preocupa-me muito o fato de não sermos professores. É possível que os estudantes aprendam com alguém que não é professor?



Ah, Márcio, você está falando do professor de carreira, né? Percebo que a formação do profissional de saúde abrange o aprendizado de técnicas e de conhecimentos bem específicos àquela profissão, assim como a ensinagem de atitudes, valores, posturas e comportamentos. Tanto os professores formais, aqueles lá da faculdade, como nós, preceptores do serviço, devemos perseguir essas duas frentes. E temos feito isso, não acha?



Nossa, que palavra estranha para mim! O que é ensinagem?



Ah, aprendi num curso de preceptoria!!! Ensinagem é uma prática baseada num contrato de parceria entre o aprendiz e o preceptor, que engloba a ação de ensinar e de aprender. É um processo bilateral, que ocorre em mão dupla entre pessoas e saberes. Ensinar e aprender fundem-se na mesma ação, dialogando e tornando-se inseparáveis. É o aprender e ensinar, juntos e misturados, em um mesmo ato compartilhado por duas pessoas que permutam o local de quem aprende e de quem ensina, constantemente!





Nossa, que maravilha isso! Sabe que eu pensava como o Márcio; mas, com o tempo, percebo que estamos, sim, perseguindo essa tal de ensinagem e praticando essa permuta de lugar o tempo todo.



Isso mesmo, Helena. E precisamos estar atentos para o fato de que o estudante, que está sendo formado, não é passivo nesse processo. Recebe influências do meio no qual se forma, no nosso caso, de todo o ambiente profissional aqui da unidade.

Mas o próprio estudante tem ação na sua formação profissional também. Ele traz a sua bagagem, seu próprio espaço social e todos os conteúdos interiorizados durante a infância. E tem a sua liberdade pessoal, fazendo escolhas diante de tudo o que o ambiente de formação lhe oferece.

A ensinagem é uma prática social complexa, um contrato de parceria entre o aprendiz e o professor/preceptor, que engloba as ações de ensinar e de aprender. Em uma perspectiva dialética, é um processo bilateral que ocorre em mão dupla entre pessoas e saberes. Ensinar e aprender se fundem na mesma ação, dialogando e tornando-se inseparáveis.

A profissionalização em saúde compreende uma ensinagem direta de técnicas e conhecimentos específicos e também ensinagem indireta de atitudes, valores e padrões de comportamento por meio do contato com professores, colegas, pessoas que buscam cuidado e profissionais da equipe de saúde.

A ensinagem não é espelhada apenas em modelos ou padrões, mas principalmente no envolvimento com a comunidade de profissionais, estudantes e pessoas que procuram atenção à saúde. É o currículo oculto, que se estende desde as influências da mídia até o grande envolvimento com a comunidade acadêmica.

Porém, o profissional em formação não é apenas um sujeito passivo durante esse processo, recebendo somente influências do meio no qual se forma. Ao contrário, é ator, trazendo, em sua bagagem, influências de seu espaço social e conteúdos interiorizados durante a sua socialização primária (infância, no seio familiar). Usufrui de sua liberdade pessoal, que o leva a fazer escolhas diante de tudo o que a formação lhe oferece.

A socialização profissional exerce certa coação sobre o estudante, num sentido de "obrigá-lo" a seguir um padrão mínimo de conhecimentos, valores e atitudes típicos da corporação médica.



Existem estudos que mostram o progressivo aumento do cinismo e a diminuição do idealismo, à medida que o estudante progride na escola: mostram o desenvolvimento do cinismo na construção de uma preocupação maior com os aspectos biomédicos em detrimento dos aspectos psicossociais; e a formação em saúde como instrumento que tolhe as atitudes humanistas e críticas e produz profissionais que primam pelo respeito a normas e códigos.

4- A formação moral na prática profissional

Márcio, Helena e Joana continuam a conversa com muito interesse.

Não será que, no caso da formação ética, deveríamos criar tipo uma disciplina aqui na unidade? Acho mais coerente.





Não acredito que seja, Márcio. O ensino aqui vem da prática e volta-se para a prática. Criar disciplina é coisa da escola. E será que uma disciplina dá conta disso?

Concordo, Helena. Quando usamos o modelo tradicional, principalmente com discussões de códigos de ética e modelos criados para ensinar, perpetuamos a crença de que a moral vem de fora do indivíduo, que é imposta. Acredito que o melhor caminho, na formação moral, é perceber e debater os dilemas que aparecem nas relações pessoais aqui da unidade, usando diálogo, respeito às diferenças e criação de acordos e consensos.



Estou entendendo vocês. Mas eu não tenho esse discernimento do que é melhor ou pior para os outros. Como vou colocar minha opinião sobre esses dilemas?





Mas eu também não tenho, Márcio. E acredito que Helena também não. Nessa formação ética, acredito que nosso papel fundamental é destacar os conflitos e dilemas do nosso cotidiano. Depois, buscar substrato para as discussões nas teorias da bioética. Não vamos buscar respostas prontas, mas base para nossas construções. Funciona exatamente como fazemos com a parte técnica do ensino. Não criamos nenhuma disciplina para a formação técnica, mas também não fazemos nem ensinamos nada que veio de nossa cabeça, do nosso "achismo". Quantas vezes nós lutamos por isso aqui: tudo o que fazemos em nossa prática como profissionais de saúde está baseado na ciência de nossas profissões e não porque "sempre fizemos assim" ou porque acreditamos/achamos que deva ser feito de tal forma. Assim como na formação técnica, a formação moral que podemos oferecer é a que vem da nossa prática cotidiana, com o debate baseado no arcabouço teórico da bioética.



Aí, sim, agora acho que construímos o nosso papel na formação ética dos estudantes aqui na unidade. Funciona como a formação técnica e, na verdade, acontece conjuntamente. Ao exercer nossas funções no cuidado à saúde das pessoas, nos preocupamos também com a educação dos estudantes que estão conosco na unidade. No mesmo ato, cuidado e formação estão contidos. Para tornar a nossa ação mais complexa, ainda no mesmo ato, existe a preocupação com pressupostos técnicos e éticos, tanto do cuidado, como da formação profissional em saúde. Por isso, a formação moral, que podemos construir como preceptores, acontece no dia a dia da unidade de saúde, concomitantemente à formação técnica e no ato do cuidado à saúde da população.

O ensino tradicional da ética, realizado em disciplinas isoladas e centrado na discussão do código de ética ou na apresentação de modelos idealizados, não é o melhor formador de bons profissionais.

Leva ao pensamento de que a moral é exclusivamente heterônoma, isto é, que devemos seguir um conjunto de normas e princípios pré-estabelecidos (ética deontológica) e não considera todos os aspectos da socialização profissional. Discute apenas a moralidade do agente, o que é complicado em nosso tempo, e não consegue abarcar as necessidades atuais de um profissional em formação.



Podemos desenvolver um ensino baseado na moralidade dos atos, frente aos dilemas e às relações sociais contemporâneas, que têm alto grau de complexidade, o que mostra um respeito ao contexto real. Entra em cena novamente, a questão da Bioética, que se refere ao campo que questiona o caráter absoluto e descontextualizado dos valores morais tradicionais, dos direitos e dos princípios (Rego, 2004). Essa indagação é feita através do diálogo, do respeito às diferenças e de acordos e consensos.

Faz-se necessário compreender melhor o processo de formação moral do indivíduo. Para uma evolução na capacidade de julgamento moral, é necessária a sucessiva exposição a conflitos que determinem a construção de novas estruturas cognitivas, necessárias para responder a novas situações.

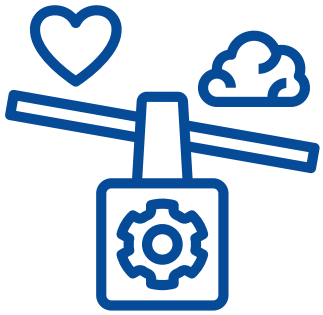
A função do preceptor na formação moral é **propiciar conflitos cognitivos que permitam o desenvolvimento do raciocínio moral.** A formação moral deve, então, oferecer ao neófito possibilidades de desenvolvimento e aperfeiçoamento de sua capacidade de tomar decisões frente a questões éticas, além de formar cidadãos conscientes e comprometidos com o bem da comunidade.



Os estudantes devem ser apresentados à "caixa de ferramentas da Bioética", isto é, a sua fundamentação teórica e a seus métodos, sendo estimulados, sobretudo, a tecerem considerações relacionadas às condições concretas de sua prática diária.

Esses dois pontos são essenciais: fundamentação teórica, que evita que o bom senso ou a moral espontânea de estudantes ou preceptores sejam o centro do raciocínio; e aplicação em situações concretas do dia a dia, evitando a improdutividade da abstração e dos casos modelos.

Outro ponto crucial para o sucesso da formação moral é a ênfase na discussão e no raciocínio: o preceptor não deve impor seu sistema de valores e crenças, mas sim provocar conflitos cognitivos e estimular o questionamento dos valores (questionamento do senso comum).



Agindo dessa maneira, o preceptor não se preocupa em transmitir teorias ou valores, mas incentiva a construção da autonomia do médico em formação.

Deve-se ainda ficar atento para que as discussões versem sobre situações quotidianas, vividas por todos e nas quais todos tenham poder de resolução, evitando meras especulações. Para que os preceptores tenham essa postura, é preciso, antes, explicitar os valores morais defendidos pela unidade. Isso leva a um comprometimento com esses valores.

E, ainda, é preciso rejeitar o que é “natural” e aceitar o que é “correto”, lembrando que, em nossa sociedade, apesar das características competitivas que estimulam o reforço do próprio status e a buscar de poder, a maioria das pessoas vai aderir a oportunidades de cooperação, caso sejam apresentadas a elas. Assim, estaremos ajudando a construir uma sociedade mais solidária, em busca de transformações e justiça social.

Síntese da unidade

A formação ética integra o processo de formação dos profissionais em saúde. O preceptor, profissional que cuida da saúde das pessoas e da formação profissional dos estudantes no mesmo ato, preocupa-se com a busca pela excelência técnica, com a formação moral e, também, com o desenvolvimento da responsabilidade profissional.

Na prática diária, o método clínico bem aplicado é o melhor instrumento para essa formação moral com foco no diálogo. É uma formação totalmente dialética e ocorre de maneira bilateral, em mão dupla entre pessoas e saberes.

Ao exercer suas funções como preceptor, há a preocupação com pressupostos técnicos e éticos, tanto do cuidado, como da formação profissional em saúde. A formação moral acontece, então, no cotidiano da unidade de saúde, ao mesmo tempo em que ocorrem a formação técnica do estudante e o cuidado à saúde da população.

Referências

- ARMITAGE, Paul; BURNARD, Phillip. Mentors or preceptors? Narrowing the theorypractice gap. **Nurse Education Today**, v. 11, n. 3, p. 225-229, 1991.
- BIAGGIO, A. M. B.; KOHLBERG, Lawrence. **Ética e educação moral**. São Paulo. Moderna, p. 459-478, 2002.
- BASTOS, Ricardo Rocha; DE OLIVEIRA BOTTI, Sérgio Henrique. Método clínico: como ser profissional de saúde no século XXI. **Revista de APS**, v. 24, n. 1, 2021.
- BOTTI, Sérgio Henrique de Oliveira et al. **O papel do preceptor na formação de médicos residente**s: um estudo de residências em especialidades clínicas de um hospital de ensino. 2009. Tese de Doutorado.
- BULCÃO, Lúcia Grando. **Profissão e formação médicas:** sobre professores e seus valores. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2000.
- LIND, Georg. Moral regression in medical students and their learning environment. **Revista Brasileira de Educacao Médica**, v. 24, n. 3, p. 24-33, 2000.
- MERTON, Robert K.; READER, George; KENDALL, Patricia L. **The student physician**: Introductory studies in the sociology of medical education. 1957.
- REGO, Sergio; PALACIOS, Marisa. Contribuições para planejamento e avaliação do ensino da bioética. **Revista Bioética**, v. 25, p. 234-243, 2017.
- REGO, Sérgio. **A formação ética dos médicos**: saindo da adolescência com a vida (dos outros) nas mãos. Editora Fiocruz, 2005.

- REGO, Sérgio; PALÁCIOS, Marisa; SCHRAMM, Fermin R. O ensino da bioética nos cursos de graduação em saúde. In: MARINS JJN, REGO S, LAMPERT JB, ARAÚJO JGC (Org.). **Educação médica em transformação**: instrumentos para a construção de novas realidades. São Paulo: Hucitec, p. 165-86, 2004.
- SCHRAMM, Fermin Roland. O uso problemático do conceito 'vida'em bioética e suas interfaces com a práxis biopolítica e os dispositivos de biopoder. **Revista Bioética**, v. 17, n. 3, 2010.

FORPRES
Formação de Preceptores da Educação em Saúde



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO
UFMA VIRTUAL
UFMA Universidade Federal do Maranhão
dted
DIRETORIA DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO